



**A PARTICIPAÇÃO DO 13º BATALHÃO
DE CAÇADORES DE JOINVILLE NA
TOMADA DE ITARARÉ**

Rafael José Nogueira



Resumo: O artigo tem como objetivo demonstrar a participação do 13º Batalhão de Caçadores (BC) de Joinville na tomada de Itararé. Na primeira parte, serão apresentados detalhes da adesão do batalhão ao movimento de 1930, além das ações e combates no referido levante. Por fim, o artigo detalha e analisa todo o percurso percorrido pelo denominado Destacamento Bittencourt, ao qual o 13º BC foi incorporado de modo a mapear a participação e contribuição no assalto final às posições legalistas.

Palavras-chave: 13º Batalhão de Caçadores; Revolução de 1930, Joinville; Itararé.

Abstract: The article aims to show the participation of the 13th Joinville Hunters Battalion in the capture of Itararé. The first part presents details of the battalion's adherence to the 1930 movement, as well as the actions and fighting in the uprising. Finally, the article details and analyzes the entire route taken by the so-called Bittencourt Detachment, to which the 13th Battalion was incorporated, in order to map its participation and contribution to the final assault on the legalist positions.

Keywords: 13th Hunters Battalion; 1930 Revolution, Joinville; Itararé.

INTRODUÇÃO

Nos turbulentos anos da década de 1920, o Exército se agitou e ensaiou movimentos armados e organizados em níveis maiores ou menores, dependendo do calor do momento. O ponto de partida foi o episódio de 1922, no Rio de Janeiro, envolvendo um pequeno grupo de militares insatisfeitos com a situação política do país. O capítulo final foi o levante, no alvorecer da década de 1930.

O 13º Batalhão de Caçadores (13º BC), sediado em Joinville-SC desde 1918 e mergulhado nesse contexto, contava em suas fileiras com vários oficiais recém-formados. Tinha sido testado pela primeira vez em 1924, e decidiu combater ao lado das tropas legalistas. Após o fim do movimento, se arraigou em periódicas manobras na região do Contestado, na divisa do Paraná com Santa Catarina, entre 1925 e 1930.

Com as eleições presidenciais de 1930 e o aumento das tensões na situação política, o 13º BC, embora tivesse sua sede em Joinville, ficou praticamente todo o período instalado na região do Contestado, principalmente nas cidades de Porto União-SC e União da Vitória-PR, para manter a ordem na região, devido aos resquícios de disputas advindas da Guerra do Contestado (1912-1916).

É importante lembrar que seus oficiais e praças não viviam isolados, conviviam com os habitantes do entorno e percebiam que a situação política no Brasil tinha chegada em um estado irreversível, de ruptura. Da sucessão de acontecimentos dos meses posteriores às eleições de março 1930, iniciou-se o levante, ao qual o 13º BC aderiu de imediato, na madrugada de 4, e que teria seu batismo de fogo nos combates na retomada de Joinville, no mesmo mês de outubro.

Após a vitória em Joinville, o batalhão aceitou a missão de participar das operações da tomada de Itararé e se juntou ao Destacamento Bittencourt, juntamente com o 5º Grupo de Artilharia Montada (5º GAM) e com um esquadrão da Força Pública Paranaense (FPPR). Mesmo que a esperada batalha de Itararé não tivesse ocorrido contra as tropas oficiais, não significou ausências de combates e não deixou mais fácil a missão pelas estradas e serras adentro. Isso porque, em busca do objetivo de ter mais destaque, somado a ser uma das possíveis primeiras



tropas a entrar em Itararé e marcar seu nome para sempre na história do Brasil, o 13º BC se apresentou em armas nas primeiras horas.

O 13º BATALHÃO DE CAÇADORES NO MOVIMENTO DE 1930

No dia 3 de outubro de 1930 iniciou-se o movimento nos quartéis do Rio Grande do Sul, naquela que ficaria conhecido como Revolução de 1930¹. As tropas rebeldes partiram rumo à Capital Federal, localizada na época na cidade do Rio de Janeiro, para depor o presidente de então, Washington Luís Pereira de Sousa. Porém, nessa incursão, foi necessário primeiro passar por Santa Catarina e, mais do que isso, dominá-la para evitar problemas maiores com as forças legalistas. As cidades catarinenses foram sendo tomadas sem maiores problemas e sem grandes conflitos, com exceção de Florianópolis, que resistiu até os últimos dias (Nunes, 2009).

Uma vez as forças aliancistas adentrando no território catarinense, o 13º Batalhão de Caçadores de Joinville aderiu ao movimento sem grande resistência de seus oficiais, já na madrugada do dia 4 de outubro. O 13º BC estava acantonado em Porto União e União da Vitória, cumprindo missões corriqueiras de patrulhamento desde as eleições de março de 1930 (Guedes; Neto; Olska, 2008). Outros batalhões também seguiram seu exemplo e foram aderindo à revolução, o que facilitou a tomada das cidades. Entretanto, a historiadora Karla Nunes (2009, p. 225) analisa que se esperava um confronto com o 13º BC:

[...] um grupo de rebeldes saídos de Herval - e que se envolvera na troca de tiros deixando como saldo muitos estragos e uma criança morta - seguiu em marcha para cidade de Porto União (na divisa entre SC e PR e distante cerca de 150 km de Herval), onde se esperava um confronto mais violento por estar guarnecendo aquela cidade o 13º Batalhão de Caçadores [...].

Diferente da expectativa sobre a posição do 13º BC e qual seria sua opção, a guarnição mostrou-se simpática à causa revolucionária. Pelo lado oficial, nos documentos da Marinha, ainda operando como legalista, já se percebe a confirmação de que os rebeldes começavam a ter vantagem com a decisão do 13º BC em se unir ao movimento: “É delicada a situação em Santa Catarina. Tive informações de que Herval, Porto União, Mafra já estão em poder dos rebeldes” (Fonseca, 1930, p. 299). Com a notícia da adesão do 13º BC e de outras tropas, logo se espalharam informações que Santa Catarina estava tomada, questão essa que chegou ao conhecimento da 5ª Região Militar, em Curitiba, que também se mostrava, a essa altura, altamente favorável a se juntar aos insurgentes, e por eles foi ocupada (Nunes, 2009). Voltando ainda em 4 de outubro, o 13º BC tomou as cidades de Porto União e União da Vitória de forma rápida e sem grandes problemas, e também assegurou o trecho da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, que era de vital importância para os revolucionários, pois era por ela que iriam passar as tropas rumo à Capital. No dia 6, com a situação controlada em Porto União

¹ Tema complexo que não pode ser contemplado pelas limitações do espaço do artigo. Ver mais em: Edgard Carone (1965); Hélio Silva (1966); Victor Nunes Leal (1975); Virgínio Santa Rosa (1976); Carlos Alberto Visentini (1977); Nelson Werneck Sodré (1979); Boris Fausto (1980); Edgard Salvador de Decca (1981); Alzira Alves de Abreu (1982); Ângela Castro Gomes (1988); Ítalo Tronca (1990); Vavy Pacheco Borges (1998 e 1999); Orlando de Barros (2001); Marcos Pansardi (2002); Florestan Fernandes (2006); Ângela de Castro Gomes (2008); Noé Freire Sandes (2010) e Cláudia Viscardi (2012).



e União da Vitória, o 13º BC partiu rumo a Joinville pela estação férrea, conforme consta no boletim interno² da corporação, ao ser informado que a cidade estava em poder de forças legalistas recém-chegadas de Florianópolis (Guedes; Neto; Olska, 2008 e Corrêa, 1984).

O comandante da insurreição no 13º Batalhão de Caçadores foi o capitão Manoel Caldas Braga³, que formou a junta militar revolucionária que, entre alguns nomes, contava com o jovem tenente José Alexino Bittencourt,⁴ futuro líder do 13º BC em Itararé, apresentado mais adiante (Ibid.).

De 4 a 9 de outubro, o 13º BC realizou movimentações objetivando atingir Joinville, pelas regiões de Rio Natal (Corupá), Rio Vermelho (São Bento do Sul), a própria cidade de São Bento do Sul e Mafra. O batalhão seguiu pela estrada de ferro, de modo a ocupar posições ao redor de Joinville, atacando de surpresa as forças legalistas que ocupavam a cidade (Guedes; Neto; Olska, 2008). Depois de alguma troca de informações e espionagem sobre a situação, o 13º BC iniciou o assalto à Joinville (Tourinho, 1980). Esses combates foram-se desenhando desde o dia 9 de outubro, pela manhã, e adentrando a madrugada e todo o dia 10. Como previsto, do choque no encontro com as tropas legalistas, aconteceram combates por vários pontos da cidade.

Aos poucos, os governistas começaram a ficar cercados e, sem saída, foram-se rendendo. O 13º BC foi reocupando a cidade até tomá-la completamente, já sem focos de resistência (Guedes; Neto; Olska, 2008). No dia 11 de outubro, a cidade estava plenamente tomada e assegurada. Com o prefeito Ulysses Costa⁵ deposto, em seu lugar assumiu o presidente da Aliança Liberal em Joinville, Plácido Olímpio de Oliveira⁶. Não foi surpresa, pois, com seu cunhado Carlos Gomes de Oliveira⁷, era um dos nomes mais fortes para assumir a prefeitura, já que desde 1929 se alinhara e era um dos chefes municipais aliancistas em Joinville (Meyer, 1989).

Enquanto Joinville tentava se recuperar do trauma passado pelos combates, Oswaldo Cabral afirma que o 13º BC partiu para o Paraná, como confirma o boletim interno nº 11 do dia 16 de outubro de 1930, e a cidade ficou sob os cuidados de uma guarda municipal (Cabral, 1968, p. 346). No próximo tópico serão detalhados os movimentos do 13º BC rumo a Itararé.

² Os boletins internos diários se configuram como diários do cotidiano onde se registra, resumidamente, os fatos julgados importantes e que podem ser colocados ao público. O que o Exército considera confidencial fica contido nos chamados boletins reservados, sem acesso ao público.

³ Manoel Evangelista Vieira Caldas Braga nasceu em 1893 na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul e ingressou na Escola Militar de Porto Alegre aos 15 anos, em 1908. Em 1930 era capitão, posto conquistado em 1929. Ainda participou do movimento de 1932, como rebelde, sendo posteriormente anistiado e reintegrado ao Exército. Passou a residir em Curitiba, onde faleceu em 1980.

⁴ José Alexino Bittencourt nasceu a 17 de julho de 1905 na cidade do Rio de Janeiro. Depois de terminar os estudos primários no colégio Pedro II, sentou praça no Exército em março de 1923 e ingressou na Escola Militar do Realengo. No final de 1929 foi declarado aspirante a oficial e classificado no 13º Batalhão de Caçadores.

⁵ Ulysses Gérson Alves da Costa (1874-1937), natural da Paraíba, ocupou diversos cargos no meio jurídico em Santa Catarina. Foi Superintendente de Joinville, de 1927 até 1930, quando foi deposto pelo movimento de 1930. Após isso continuou sua carreira de magistrado, e faleceu em 1937, na cidade de Florianópolis.

⁶ Plácido Olímpio de Oliveira nasceu em 5 de outubro de 1900, na cidade de Campo Alegre-SC. Foi advogado, empresário, promotor público e político radicado em Joinville. Oriundo da tradicional família Gomes de Oliveira, se aproximou da Aliança Liberal e logo assumiu posição de destaque entre seus membros. Foi nomeado prefeito em outubro de 1930, ficando no cargo até 1933. Faleceu em Joinville no ano de 1957.

⁷ Carlos Gomes de Oliveira, nascido em 12 de outubro de 1894 na cidade de Joinville, também pertencente à família dos Gomes de Oliveira. Atuou como advogado, jornalista e político. Junto ao seu cunhado Plácido Gomes de Oliveira, tomou frente no comitê da Aliança Liberal de Joinville, e foi nomeado membro do Conselho Consultivo da cidade. Faleceu no ano de 1997.



AS MOVIMENTAÇÕES RUMO A ITARARÉ

Com a missão completada de assegurar a cidade de Joinville, sua sede original, o 13º BC se envolveu em uma nova empreitada, chamada Itararé, cidade paulista cravada entre os Estados do Paraná e São Paulo, posição que a tornava um ponto estratégico tanto para quem defendia quanto para quem a atacava, pois, uma vez vencida sua resistência, abrir-se-ia caminho para uma possível investida contra a Capital Federal, o Rio de Janeiro. É nesse ponto que o então tenente José Alexino Bittencourt entra de fato na história do enfrentamento.

A entrevista de Alexino Bittencourt, concedida após retornar para Joinville no mês de novembro para o jornal *Correio de Joinville*, e depois de completar a tarefa de entrar em Itararé, é uma das fontes que permite traçar detalhadamente a jornada do destacamento que ele comandou, que ficou denominado Destacamento Bittencourt.

Bittencourt inicia a entrevista relatando que era desejo do batalhão joinvilense ter uma participação mais significativa no movimento e buscar um maior protagonismo:

Interessei-me então junto ao Cel. Mendonça Lima no sentido que nos fosse designada uma função mais ativa no movimento com que nos identificáramos. E assim foi que recebemos ordem de partir em direção de Itararé. Embarcamos aqui na madrugada de 14, e fomos parar em Jaguariahyva, incorporando-nos às forças comandadas pelo general Miguel Costa. (*Correio de Joinville*, 19 nov. 1930).

As informações atestam que o próprio Alexino Bittencourt mostra que a oficialidade estava influenciada pelo ideal tenentista, conforme afirmou o major Plínio Tourinho em seus relatórios, ao afirmar que os militares joinvilenses eram guiados pela corrente tenentista (Tourinho, 1980). Aliás, Bittencourt assinaria todos os boletins internos até o final de outubro. Não houve, então, uma ordem oficial, mas sim uma vontade de participar de forma mais ampla no levante, norteados pelo ideal tenentista e sua ação era ideológica, além do espírito corporativo da tropa⁸.

No dia 13 de outubro, o jornal *A Notícia* publicou nota afirmando que o 13º BC recebera ordem de embarque para Jaguariahyva (*A Notícia*, 13 out. 1930). O jornal *Correio de Joinville*, de 15 de outubro, comentou sobre a partida no dia 13, exaltando a corporação:

O valoroso 13º BC sob o comando do capitão Alexino, embarcou ante-hontem á noite, para a cidade de Jaguariahyva, na fronteira dos Estados de Paraná e S. Paulo. Essa unidade de guerra está encarregada de guarnecer a retaguarda da coluna gaúcha, que está operando naquela fronteira (*Correio de Joinville*, 15 out. 1930).

O pesquisador Hélio Tenório dos Santos, em sua obra *As batalhas de Itararé*, relata que “no dia 14 de outubro, haviam chegado membros da tropa do 13º BC [...]”. A partir do dia 14, começaram

⁸ O debate sobre o Tenentismo é grande e seria impossível trazê-lo aqui, por não ser o objetivo central do artigo. Ver mais em alguns trabalhos como: Boris Fausto (1970); Edgar Carone (1975); Virgínio Santa Rosa (1976); Maria Cecília Spina Forjaz (1979); José Murilo de Carvalho (1985); Vavy Pacheco Borges (1992); Anita Leocádia Prestes (1999); Edmundo Campos Coelho (2000); Frank McCann (2009); Pedro Ernesto Fagundes (2010); Mário Cleber Martins Lanna Júnior (2013); Amílcar Guidolim Vitor (2019).



a chegar a Sengés os reforços revolucionários do sul, Destacamento General Flores da Cunha e Destacamento Major Alexino Bittencourt” (Santos, 2015, p. 84).

No dia 15 de outubro, o tenente Balthazar enviou telegrama para o jornal *A Notícia*, publicado dois dias depois, afirmando que, no dia anterior em 16 de outubro, o 13º BC já integrado ao Destacamento Bittencourt entraria em combate (*A Notícia*, 17 out. 1930). Contudo, consultando o boletim diário do dia 16 de outubro, já em Jaguariahyva, percebe-se que pela narrativa de Alexino Bittencourt, que no dia 14 de outubro de 1930, o 13º BC estava em viagem, e só chegaria de fato no dia 16, na cidade de Jaguariahyva.

Conforme estava determinado; o batalhão embarcou na cidade de Joinville, em trem especial militar, partindo às 0,25 hs. do dia 14, chegando à Rio Vermelho às 9,30 hs., sendo ahi servido o café, partindo em seguida com destino a Mafra, onde chegou às 15 horas, – partindo em seguida com destino à Ponta Grossa, onde chegou às 11 hs. do dia 15, partindo em seguida com destino a esta localidade, onde chegou a 1 hora do dia de hoje (Boletim Diário nº 11, 16 out. 1930).

Nesse contexto, José Alexino Bittencourt assevera que foi em Jaguariahyva o batismo de fogo do 13º BC, ao ser atacado por aviões com “22 bombas mortíferas” (*Correio de Joinville*, 19 nov. 1930). O militar Higino de Barros Lemos, em seu depoimento sobre o combate, explica que o que levou ao ataque aéreo foi uma perseguição ao 5º Regimento de Cavalaria Divisionário, que não tinha aceitado participar do movimento (Tourinho, 1980).

Cruzando as informações contidas nos boletins diários, esse ataque só pode ter acontecido realmente durante a madrugada e manhã do dia 16 de outubro, quando o 13º BC chegou a Jaguariahyva, uma vez que, na tarde do dia 16, partiu para a cidade de Sengés, no limite com Itararé, na divisa entre Paraná e Santa Catarina.

Tal fato é reforçado, com a ausência de boletim interno no dia 17 de outubro de 1930, possivelmente impossibilitado pelos combates em Jaguariahyva, no dia 16. O próximo boletim interno foi o de número 12, emitido em 18 de outubro, no qual aparece a informação do acantonamento já em Sengés, ainda na fronteira entre Paraná e São Paulo, e onde é relatada a saída de Jaguariahyva com chegada ao dia 16, e chegada à Sengés, propriamente dita, no dia 17: “Por ordem superior, o Batalhão partiu às 15,30 horas do dia 16, de Jaguariahyva, com destino a esta localidade [Sengés], onde chegou às 7,30 horas de ontem e acampou” (Boletim Diário nº 12, 18 out. 1930).

Uma síntese dos resultados da situação em Jaguariahyva é apresentada pelo *Jornal de Joinville*, em edição do dia 16 de outubro:

O quartel-general revolucionário em Curitiba comunica que em Jaguariahyva foram feitos 140 prisioneiros, inclusive 5 oficiais, sendo apreendidas 9 metralhadoras pesadas e 80.000 cartuchos, além de grande número caminhões com víveres. O efetivo do inimigo era de 1.000 homens, com a [sic] moral bastante abatida, comandados pelo Major Agnello e Coronel Sandoval, cujos destacamentos foram completamente aniquilados (*Jornal de Joinville*, 16 out. 1930).

O número de captura de munições é considerável. Esse material possivelmente ajudou de forma mais profunda a tomada de Itararé. O número de soldados inimigos também é apreciável,



isso porque, naquela altura dos acontecimentos, recrutar voluntários e reservistas era mais difícil devido ao movimento avançar e gerar medo e tensão em quem era convocado. A cidade teria sofrido ataques aéreos dos legalistas entre 9 e 23 de outubro, com algumas exceções por conta de chuvas, conforme assinala Sebastião Paraná (Tourinho, 1980).

O jornal aliancista *Correio de Joinville*, em sua edição de 18 de outubro, publicou que no mesmo dia, o 13º BC se preparava para entrar em seu primeiro combate: “segundo telegrama particular recebido nesta cidade, o valoroso 13º BC, que se encontrava em Jaguariahyva, partiu hoje para a linha de frente, a fim de oferecer combate às forças governistas” (*Correio de Joinville*, 18 out. 1930).

Em Sengés, ocorreu um novo ataque aéreo, e, desta vez, a tropa estava mais preparada e não houve grandes baixas e perdas materiais (*Correio de Joinville*, 19 nov. 1930). Entretanto, confrontando as informações contidas nos boletins do período do acampamento Sengés, estima-se que este ataque ocorreu provavelmente no dia 20 de outubro.

A linha de frente estava concentrada em Sengés, onde as tropas revolucionárias se aglutinaram para um ataque frontal à cidade de Itararé, e onde o 13º BC estava desde o dia 17, tendo ficado estacionado até a tarde do dia 24 de outubro, quando marchou para Itararé (*Boletim Diário* nº 17, 26 out. 1930).

No próximo tópico serão delineados os aspectos envolvendo todo o planejamento de ataque tendo como objetivo a cidade de Itararé, no Estado de São Paulo, um dos últimos redutos das tropas legalistas, do qual se criou a expectativa de um grande combate entre as tropas rebeldes e as tropas leais ao governo federal.

O PLANO DE ATAQUE A ITARARÉ E SEUS DESDOBRAMENTOS

Estacionado em Sengés, na fronteira com São Paulo, muito próximo a Itararé, o 13º BC necessitava se integrar na estratégia elaborada pelos revolucionários e desempenhar com eficiência sua parte na missão para o sucesso coletivo do movimento que chegava a seus momentos decisivos.

Sobre a estratégia de ação, Alexino Bittencourt coloca que, como as forças legalistas já tinham se retirado de Sengés para mais adentro de Itararé, deixando pelo caminho muita munição, esse recuo foi aproveitado pelos revolucionários para conquistar posições e abastecer suas tropas. Era a munição, segundo ele, um dos grandes interesses no desejo de tomar Itararé, visto que os legalistas tinham uma boa quantidade à sua disposição (*Correio de Joinville*, 19 nov. 1930).

O supracitado Alexino Bittencourt teve seu grupo batizado como Destacamento Bittencourt⁹, sendo formado, segundo Hélio Tenório dos Santos, com contingentes do “[...] 13º BC de Joinville, uma seção do 5º GAM e um esquadrão da FPPR, com 1.600 soldados” (Santos, 2015, p. 126).

A seção do 5º GAM era especializada na guerra de montanha, propícia para o terreno montanhoso entre Sengés e Itararé. O esquadrão da Força Pública do Paraná era da cavalaria, o que, segundo Hélio dos Santos, dava “[...] capacidade de desdobrar-se com elasticidade e rapidez suficiente para enfrentar os remanejamentos de tropa que a defesa poderia tentar” (Ibid., p. 141).

⁹ Grupo de Destacamentos Miguel Costa; Destacamento Silva Junior; Destacamento Flores da Cunha, Destacamento Batista Luzardo e o próprio Destacamento Alexino Bittencourt. Cf. Santos, 2015, p. 126-127.



Os batalhões de caçadores, organizados sob a influência portuguesa, eram usados em missões de exploração e de flanqueamento, como era o caso do 13º BC, o que os colocava em posição estratégica na retaguarda pelos flancos (Teixeira, 2010). Ademais, a cavalaria, aliada à infantaria e reforçada pela artilharia fazia o Destacamento Bittencourt ser alvo grande de preocupação pelo lado legalista.

Com relação à logística, Alexino tinha a sua disposição canhões Krupp de 75 mm, sem informações exatas da quantidade à disposição, embora Hélio Santos afirme que: “Sabe-se que os revolucionários tinham 18 canhões Krupp 75 mm, mas não consegui identificar que tipos de peças foram empregadas em Itararé” (Santos, 2015, p. 100).

Sobre o número de homens que Alexino descreveu, dentro da estratégia para penetrar em Itararé foram postos ao seu comando 1.300 soldados para apoiar seu destacamento, e não 1.600 soldados, conforme declara Hélio Tenório dos Santos (Correio de Joinville, 19 nov. 1930). Embora uma diferença pequena, qualquer vantagem poderia ser nevrálgica para o resultado final.

Talvez querendo enaltecer sua participação, Alexino apresentou uma vantagem numérica bem significativa das forças rebeldes, afirmando que, somando as outras colunas dos demais destacamentos, os inimigos teriam um total de 7.844 homens, frente aos possíveis 3.000 homens dos legalistas (Ibid.).

Por outro lado, o já citado pesquisador Hélio dos Santos, sem demonstrar alguma fonte primária passível de ser averiguada, faz uma estimativa inflada em que “o total de revolucionários no eixo de Itararé estava estimado em mais de 30.000 soldados” (Santos, 2015, p. 97). Caso este dado esteja correto, os revolucionários teriam ampla vantagem numérica de homens e recursos logísticos, que a cada dia cresciam, tanto em pessoal, como em material bélico.

Continuando com a atuação do Destacamento Bittencourt, sabe-se que o agrupamento foi designado como força para atacar a retaguarda do inimigo, caso os outros destacamentos demonstrassem dificuldade em tomar as posições inimigas, como pode se depreender lendo o boletim interno diário nº 17, de 26 de outubro, do 13º BC (Boletim Diário nº 17, 26 out. 1930). A estratégia era atacar pelo flanco esquerdo, ao sul, contornando a linha de defesa para usar o efeito surpresa atacando de imediato a estação ferroviária. Na descrição de Hélio dos Santos (2025, p. 139)

pelo flanco sul, o Destacamento Alexino, em uma longa marcha, ultrapassaria o rio Itararé em um passo desguarnecido, desbordaria a linha de defesa e atacaria diretamente o coração fracamente protegido do dispositivo legalista, na encosta onde se localizava a estação ferroviária.

É bem verdade que seria uma manobra bem agressiva, e, caso fracassasse (o que Hélio dos Santos considerava improvável), ainda teria o movimento do destacamento de Flores da Cunha que compensaria a tomada de Itararé (Ibid.). Em resumo, seria uma manobra de pinça com o objetivo de flanquear o inimigo.

Santos vai mais longe, e assevera que ação do Destacamento Bittencourt teria grande impacto no poder de luta do lado legalista: “A ação do Destacamento Alexino, se bem executada, seria suficiente para tomar a cidade e destruir grande parte da capacidade de combate legalista, senão a sua totalidade” (Ibid., p. 140.). Isso acabou ficando no campo das possibilidades pelo fato

de o confronto em Itararé não ter ocorrido. É certo que as tropas revolucionárias tinham seus objetivos bem definidos e estavam dispostos a lutar até o último homem e o último cartucho de munição se fosse preciso para entrar em Itararé.

Na continuidade das movimentações do Destacamento Bittencourt, depois de dias acampados em Sengés, na zona limite de combate, saiu na frente partindo “[...] dia 23, manobrando pelo sul, via Capivari, para atacar as defesas de Itararé pela retaguarda, em uma marcha de cerca de 45 quilômetros, a partir de Morungava” (Ibid., p. 102). O boletim diário nº 17, do dia 26 de outubro, confirma a movimentação com ordem de Miguel Costa e chegada ao local que denomina fazenda Capivary, na manhã do dia 24 de outubro, com o objetivo bem definido de chegar ao: “[...] flanco esquerdo da cidade de Itararé, com a missão de atacar as forças inimigas que se acham localizadas defensivamente naquela cidade” (Boletim Diário nº 17, 26 out. 1930). A essa altura, o Destacamento Bittencourt, no qual o 13º BC estava inserido, já parecia estar bem ciente da sua função de flanqueamento, caso fosse acionado, conforme figura 1.

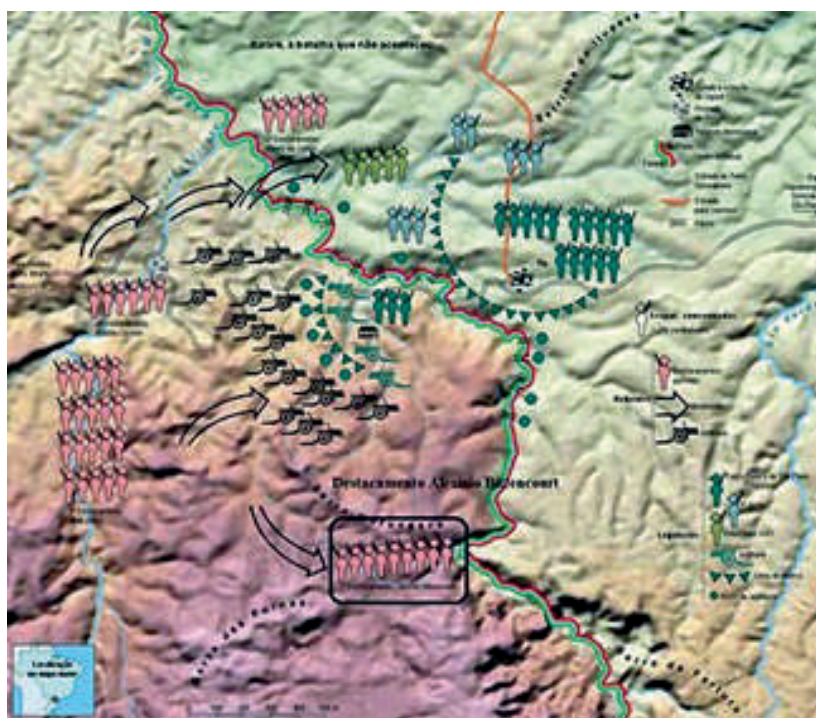


Fig. 1 - Mapa representando as posições na divisa entre São Paulo e Paraná, perto de Itararé
Fonte: FGV/CPDOC.

O mesmo boletim registra que o destacamento teria saído da vila de Sengés às 16 horas do dia 23, chegando à localidade de Pellame às 22 horas, de onde partiu no dia 24, ao amanhecer, chegando às 9 horas na fazenda Capivary. Após refeição, saiu às 15 horas e chegou ao fim da tarde na serra da Palmeirinha, na divisa de Sengés pelo lado paranaense com o lado paulista de Itararé, onde acampou e ficou de prontidão esperando uma provável ordem para atacar (Boletim Diário nº 17, 26 out. 1930). Conforme o documento, o objetivo seria atacar o flanco esquerdo das forças inimigas que estavam posicionadas de forma defensiva em Itararé. O boletim não cita o detalhe da retaguarda (Ibid.).



Sobre esse percurso, foi preciso, entretanto, mudar a rota inicial para evitar ser descoberto pelos inimigos governistas, e também porque a frente de defesa dos legalistas era muito grande para ser atacada. Assim, a opção era evitar ser visualizado contornando as linhas de defesa. Os terrenos percorridos eram ruins, com montes, e necessitava a abertura de picadas. A marcha era feita preferencialmente de noite, para não serem localizados pelos aviões na região (Correio de Joinville, 19 nov. 1930). O fator terreno e sua dificuldade também foi destacado por Hélio Santos: “Enfrentando as maiores dificuldades opostas pelo terreno, hostil por natureza, na véspera do ataque o Destacamento Alexino atravessou o rio Itararé em um passo desguarnecido” (Santos, 2015, p. 103).

Três militares do 13º BC que fizeram parte do Destacamento Bittencourt abonaram a fala de Alexino Bittencourt no tocante às dificuldades do terreno e como as posições legalistas eram propícias para quem defendia, e desfavoráveis para as tropas atacantes, ainda que tivessem o recurso de não serem vistos em suas manobras (Jornal de Joinville, 18 nov. 1930).

Os boletins internos do 13º BC, de fato, demonstram que foram oito dias, de 17 a 24 de outubro, o período de acampamento da tropa em Sengés, porém não citam o morro do Café em nenhum momento. Somente são mencionados o morro do Pellame, fazenda Capivary, serra da Palmeirinha e a fazenda Ibity, já em Itararé (Jornal de Joinville, 18 nov. 1930).

Ao se aproximarem de Itararé, por ordem superior teriam se desfeito de mochilas e outros materiais para acelerar a caminhada. Quando já tinham alcançado o rio Itararé, para adentrar na linha inimiga dominada pelos legalistas e entre morros apertados, acabaram encontrando um vaqueano, morador há 40 anos na região, que, além de ser solidário à causa revolucionária, ofereceu ajuda indicando um caminho melhor. Sobre o encontro com o personagem anônimo e a ajuda oferecida, assim sintetizaram os militares do 13º BC:

O velho matuto informou-nos que conhecia um atalho ignorado dos demais então já invadido pelo mato durante aquele tempo todo. O atalho feito por cima da serra foi logo desbravado e por ele poderíamos trilhar sem que o inimigo suspeitasse sequer a nossa marcha (Jornal de Joinville, 18 nov. 1930).

Por sua vez, Alexino Bittencourt lembrou-se da dificuldade por conta da chuva e que houve ajuda de terceiros, conforme relatado pelos seus colegas. Contudo ele cita vaqueanos como fonte de ajuda para que chegassem no dia 25 de manhã no lugar determinado pelo comando, e também aborda a dificuldade enfrentada para atravessar o rio Itararé e adentrar a cidade homônima (Correio de Joinville, 19 nov. 1930).

Diante de tudo isso, teriam chegado ao destino previsto a tempo e estavam preparados já no dia 24, no início da noite, para o ataque na retaguarda, acampados na serra da Palmeirinha ou morro do Café (Boletim Diário nº 17, 26 out. 1930; Jornal de Joinville, 18 nov. 1930).

Estava previsto o ataque pela vanguarda dos destacamentos do coronel Silva Junior e de Batista Luzardo. Na retaguarda, ficou acertado que o destacamento de Flores da Cunha e o destacamento de Alexino Bittencourt iriam avançar pelos flancos. Flores da Cunha, pelo flanco direito, e Bittencourt, pelo esquerdo, conforme esquematizado entre os comandantes (Correio de Joinville, 19 nov. de 1930).

A *Revista do Globo* traz um croqui do comandante revolucionário Glicério Alves¹⁰, no qual é possível depreender que o 13º BC era realmente tropa de retaguarda no Destacamento Bittencourt, porém para atacar não o lado esquerdo, mas o lado direito (Correio de Joinville, 19 nov. 1930; *Revista do Globo*, 1931). Analisando este croqui (figura 2), percebe-se pela linha desenhada saindo da caixa com o nome do Destacamento Alexino Bittencourt, que, no plano de ataque, estava previsto de fato ser o flanco direito a posição que o 13º BC deveria tomar, partindo da perspectiva do atacante. Se levada em conta a visão do defensor seria o lado esquerdo, sem dúvidas.

Pela posição das outras tropas fica indicado que eles atacariam pela frente e na posição de vanguarda, com o 13º BC vindo pela direita ou esquerda, dependendo da orientação que se adotar na análise. O croqui publicado e já mencionado na edição especial da *Revista do Globo* não resolve a questão, embora indique ser mais à direita a posição das tropas de Bittencourt.

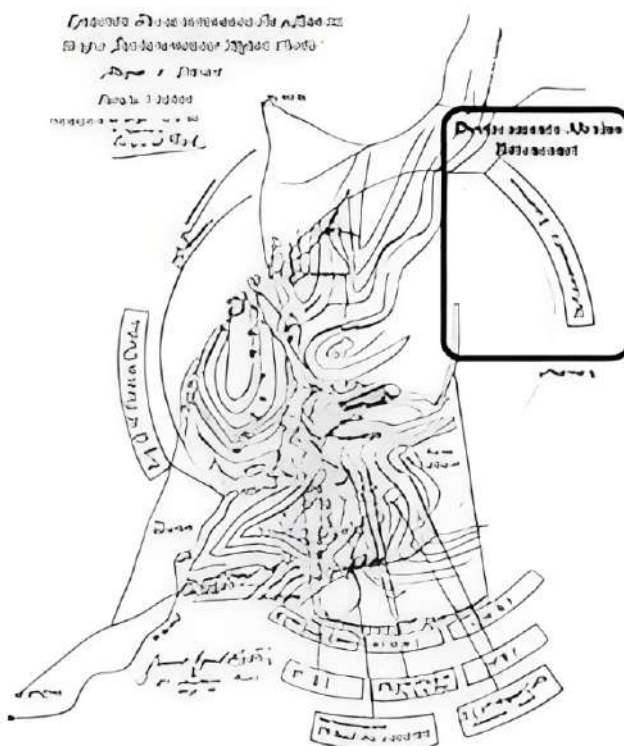


Fig. 2 - Croqui do plano de ataque a Itararé feito pelo Estado-Maior das forças de Flores de Cunha

Fonte: *Revista do Globo*, 1931, p. 415.

Ainda existe um terceiro croqui no acervo do Arquivo Histórico do Exército, encontrado pelo pesquisador Edson Lopes e publicado em seu livro sobre o 13º Regimento de Infantaria de Ponta Grossa, no Paraná, referente ao envolvimento da corporação nos eventos de 1930 (figura 3).

¹⁰ Glicério Alves (1893-1967). Natural de Rio Pardo, Rio Grande do Sul, destacou-se como pecuarista, advogado e político, ocupando diversos cargos públicos. Aderiu ao movimento de 1930 e ficou famoso por participar da negociação em Itararé, que resultou na rendição das tropas legalistas. Faleceu em Porto Alegre.

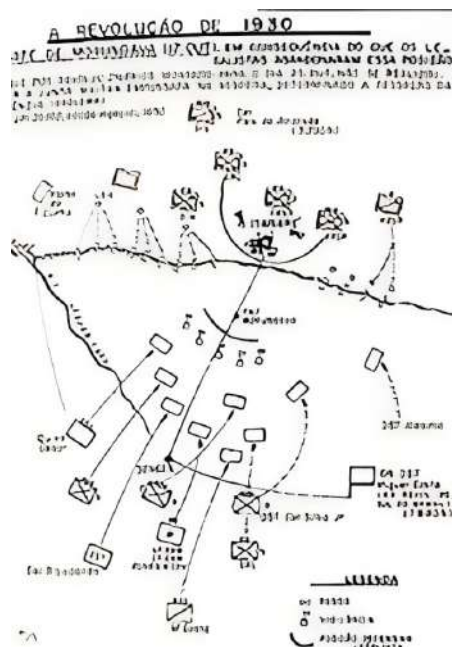


Fig. 3 - Croqui do plano de ataque a Itararé feito pelo estado-maior das forças de Flores da Cunha.

Fonte: LOPES, Edson; MARQUES, Daniel Moreira. *Nunca vencidos*: 13º Batalhão de Infantaria Blindado. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2019, p. 99.

Este croqui posiciona o Destacamento Bittencourt no lado direito para quem ataca e no flanco esquerdo para quem defende, confirmando com mais precisão e certeza a posição dos homens de Bittencourt.

Outra exposição da questão vem por meio dos tenentes Fernando Rodrigues Peixoto¹¹ e Gamaliel de Carvalho¹², em entrevista ao jornal *Diário Carioca* na Escola de Aviação Militar, contemporâneos aos eventos em novembro de 1930, dias depois de terminado o movimento revolucionário, na qual mencionam a função do 13º BC no Destacamento Bittencourt:

Nesse *front*, foi designada ao 13º Batalhão de Caçadores a incumbência de efetuar o desbordamento pelo flanco esquerdo do inimigo, a fim de participar do ataque geral marcado para o dia vinte e cinco, e em que Itararé fatalmente cairia nas mãos dos revolucionários (*Diário Carioca*, 7 nov. 1930).

A informação de que o Destacamento Bittencourt atacaria pelo lado esquerdo se alinha com outras fontes, embora haja controvérsias, lembrando que Luiz Carlos Pereira Tourinho¹³ afirme que Miguel Costa tentou atrair o inimigo pelo flanco esquerdo usando o 15º BC do Destacamento Silva Junior (Tourinho, 1980). Por outro lado, João Gualberto Gomes de Sá Filho¹⁴, relatou que o 15º BC teria recebido ordem para prolongar o flanco direito do teatro de operações de

¹¹ Fernando Rodrigues Peixoto (1905-1988). Natural da cidade do Rio de Janeiro foi militar de carreira. Era filho do também militar Eurico Rodrigues Peixoto, que, além de pai, era seu comandante em 1930 no 13º Batalhão de Caçadores, quando o mesmo se envolveu com o movimento de outubro de 1930. Serviu na mesma unidade e período com seu irmão Ney Rodrigues Peixoto. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1988.

¹² Gamaliel Carvalho Peixoto (1901-1951). Catarinense de Nova Trento. De pai militar seguiu também carreira no Exército na medicina veterinária. No levante de 1930 atuou como 2º tenente veterinário. Faleceu na cidade de Curitiba em 1951.

¹³ Luiz Carlos Pereira Tourinho (1913-1998). Natural de Curitiba e filho de Plínio Tourinho, que chefiou o movimento de 1930 no Paraná, especialmente em Curitiba. Foi engenheiro-militar, político, escritor e intelectual dedicado a várias áreas, entre elas a história, da qual preservou e perpetuou vários documentos da história de sua família. Faleceu em 1998, na cidade de Curitiba.

¹⁴ João Gualberto Gomes de Sá Filho (1901-1982). Filho do personagem da Guerra do Contestado, João Gualberto, foi militar de carreira e ativo no movimento de 1930, servindo no 15º BC de Curitiba. Faleceu em Curitiba, no ano de 1982.



Morungava, inclusive cobrindo o mesmo lado em ajuda ao 13º RI (Tourinho, 1980).

De toda forma, pode-se pensar, baseado nesse croqui e no anterior, que o Destacamento Bittencourt teria que atacar pelos dois lados mais à retaguarda ou talvez tenha havido um erro de comunicação quanto ao flanco designado, e, por fim, uma divergência entre os comandos, partindo da hipótese que o 13º BC tinha mais voz ativa nas decisões frente ao 5º GAM e à FPPR, pelo fato de Alexino Bittencourt ser o comandante do destacamento.

No epílogo, no acampamento na serra da Palmeirinha, na noite do dia 24 de outubro, Alexino Bittencourt recebeu a ordem para suspender todas as posições e o ataque, afinal, em suas palavras: “Era o dia 24, já á noite, quando recebi ordem de suspender o ataque. O Cel. Mendonça Lima enviou-me uma ordem nesse sentido” (Correio de Joinville, 19 nov. 1930). Pelo boletim interno de 26 de outubro, essa ordem chegou depois das 18 horas, no fim da tarde do dia 24 de outubro, quando o Destacamento Bittencourt entrou na serra da Palmeirinha ainda em Sengés e lá acampou, somente saindo na manhã do dia seguinte (Boletim Diário nº 17, 26 out. 1930).

O deputado gaúcho Glicério Alves, em entrevista para a *Revista do Globo*, fala que se ofereceu para negociar com Paes de Andrade¹⁵ do lado governista. Ele era o parlamentar do telegrama do coronel Mendonça Lima que acabou indo com dois acompanhantes, um dos quais era um prisioneiro que aderira à revolução.

Em vez do pior, ao serem vistos já de manhã no dia 25 de outubro de 1930, foram levados para conversar com Paes de Andrade, que, intimado a render-se, recusou-se, mas aceitou partir com Alves para negociar com os chefes revolucionários. No fim, Alves convenceu Paes de Andrade a se entregar, argumentando que Washington Luís tinha sido deposto no dia anterior e que não havia mais sentido em lutar. Itararé suspirou aliviada (Correio de Joinville, 19 nov. 1930). Segundo os já referidos tenentes Fernando e Gamaliel, duas horas antes do início previsto, o ataque foi cancelado (Diário Carioca, 7 nov. 1930).

O médico Lucidoro Ferreira dos Santos, integrante do 13º Regimento de Infantaria de Ponta Grossa, fornece mais subsídios em suas observações num pequeno diário de bolso, ao mencionar em seus escritos no dia 25 de outubro que o 13º BC, incorporado no Destacamento Bittencourt, teve papel ativo na campanha para invadir Itararé:

25 – De manhã incorporei-me na primeira companhia do 13 RI onde aguardava ordens para o ataque na barreira do Itararé. Lá permaneci até o almoço. Voltei para o acampamento onde soube que o exército legalista havia aderido à revolução, pois estava cercado pela retaguarda pelo 13 BC e pelos gaúchos. entusiasmos e vivas (Costa, 2017. Transcrição do diário de Lucido Ferreira dos Santos).

Embora a informação esteja em um documento escrito, a origem é oral, que de todo modo se coaduna com outras fontes sobre a posição e estratégia do Destacamento Bittencourt, do qual o 13º BC fazia parte, ter sido designado como tropa de retaguarda durante todas as movimentações objetivando o assalto à cidade de Itararé, e que essa função que o 13º BC se

¹⁵ Arnaldo de Sousa Pais de Andrade (1875-1957). Natural de Amazonas foi oficial do Exército Brasileiro. Ficou conhecido por comandar as tropas legalistas e, após negociação com Glicério Alves, evitar o confronto em Itararé. Mesmo na condição de inimigo do movimento, continuou no Exército e, nas revoltas de 1932 e 1935, atuou no lado governista, mantendo-se fiel ao legalismo. Faleceu em 1957.

empenhou foi proeminente na decisão do lado legalista em se render.

Com relação à chegada do 13º BC em Itararé, tem-se à disposição uma fonte audiovisual vinda do filme *Pátria Redimida*, de João Batista Groff e W. Fischer. Em uma das cenas filmadas é possível visualizar fileiras de soldados desfilando, que, segundo a legenda, seria o 13º BC entrando em Itararé e destaca que o batalhão era a tropa de vanguarda e a primeira a entrar em solo paulista: “Vitoriosas tropas de vanguarda: 13º BC, o primeiro batalhão que entrou em Itararé sob o comando do bravo capitão Alexino” (Costa, 2010. Reprodução do filme *Pátria Redimida* no Canal do Youtube de Paulo José da Costa).



Fig. 4 - Tomada de ponte em Itararé. É possível que o 13º BC tenha auxiliado na ação

Fonte: TESSER, Rosa Maria. *Claro Jansson: o fotógrafo do Contestado*, um memorial dos 10 anos do conflito. Balneário Piçarras: Edição da Autora, 2016, p. 81.

Sobre essa questão, o boletim diário do dia 26 de outubro descreve ter chegado o batalhão na parte urbana da cidade de Itararé apenas na manhã do mesmo dia, por volta das 10 horas, depois da vitória assegurada do movimento revolucionário (Boletim Diário nº 17, 26 out. 1930).

A questão do 13º BC ser o primeiro batalhão a entrar na cidade não parece estar incorreta ou ser absurda, quando se lê a ata de rendição transcrita por Hélio dos Santos. No documento, datado de 25 de outubro de 1930, em que consta o quartel-general ainda em Sengés, todos os comandantes assinam o documento, exceto Alexino Bittencourt: “Interessante notar que o major Alexino não participou da reunião, pois estava com suas tropas posicionadas em profundidade, no extremo sul das linhas combatentes, desbordando os legalistas” (Santos, 2015, p. 115). O 13º BC entrava em Itararé e concluía a missão com sucesso e destreza.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou mostrar as ações e movimentações do 13º Batalhão de Caçadores, desde o momento que tomou parte no movimento de 1930 até seu desfecho em Itararé, em um esperado combate que entrou para a história justamente porque não ocorreu. O texto se valeu de fontes primárias do 13º BC para narrar todos os pormenores em toda sua incumbência como membro do Destacamento Bittencourt para alcançar Itararé, de modo a deixar mais clara a posição do 13º BC dentro do referido destacamento e as possibilidades estratégicas para apoiar a posição defensiva no planejamento de invasão a Itararé.

A fonte oral oriunda da entrevista de José Alexino Bittencourt somou-se como parte importante para analisar e cruzar sua narrativa minuciosa com as afirmações dos boletins internos assinados pelo próprio Bittencourt, e possibilitar relacionar essas fontes com os relatos orais de outros personagens do 13º BC ou de envolvidos nos desdobramentos, e, assim, identificar e corrigir divergências e incoerências no desenrolar dos acontecimentos.

Não obstante, diante das dificuldades e da falta de experiência e instrução, o 13º BC conseguiu chegar a Itararé e, ao que tudo indica, tinha força e recursos suficientes para assaltar a cidade, ainda que integrante de um destacamento colocado como tropa de retaguarda, caso os outros destacamentos encontrassem resistência e dificuldades diante do adversário.

As fontes disponíveis no momento apontam que o 13º BC, incorporado ao Destacamento Bittencourt foi, de fato, a primeira tropa a adentrar a cidade de Itararé. A importância de ser a primeira guarnição a ter entrado na cidade pode parecer irrelevante à primeira vista, entretanto, é simbólica, levando em conta que o 13º BC estava instalado em Joinville.

Defronte os percalços, o batalhão cumpriu sua missão como integrante do Destacamento Bittencourt fixado como tropa de retaguarda dentro do desenrolar do conflito, que não tornou necessário o ataque final a Itararé.

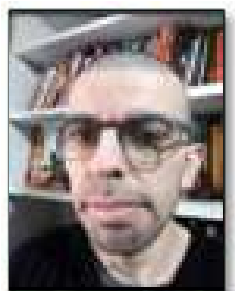


FONTES

Boletins diários do 13º BC
A Notícia, edições diversas
Correio de Joinville, edições diversas
Diário Carioca, edições diversas
Jornal de Joinville, edições diversas

BIBLIOGRAFIA

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1968.
CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas Repúblicas: a Revolução de 30 e a política catarinense até 35*. Florianópolis: Editora da UFSC/Assembleia legislativa de Santa Catarina, 1984.
COSTA, Paulo José. *Um pequeno diário de um médico na Revolução de 30*. Disponível em: <http://amemoriadosesquecidos.blogspot.com.br/2014/03/um-pequeno-diario-de-um-medico-na.html>. Acesso em: 28 abr. 2017.
GUEDES, Sandra; NETO, Wilson de Oliveira; OLSKA, Marília Gervasi. *O Exército e a cidade: Joinville e o seu batalhão*. Joinville: Univille, 2008.
LOPES, Edson; MARQUES, Daniel Moreira. *Nunca vencidos: 13º Batalhão de Infantaria Blindado*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2019.
MEYER, Vera Maria. *Os reflexos da Revolução de Trinta em Joinville*. Joinville, 1989. 34f. Monografia (Especialização em História da América) – Fundação Educacional da Região de Joinville.
NUNES, Karla Leonora Dahse. *Santa Catarina no caminho da Revolução de Trinta: memórias de combates (1929-1931)*. 2009. 365 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
REVISTA DO GLOBO. *Revolução de outubro de 1930: imagens e documentos*. Porto Alegre: Globo, 1931.
SANTOS, Hélio Tenório dos. *As batalhas de Itararé: a barreira de Itararé na história militar em 1893, 1930 e 1932*. São Paulo: Clube de Autores, 2015.
TEIXEIRA, Humberto Nuno Araújo Barbosa. *Caçadores portugueses na Guerra Peninsular*. 2010. 111f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares – Especialidade de Infantaria) – Academia Militar, Lisboa, 2010.
TESSER, Rosa Maria. *Claro Jansson: o fotógrafo do Contestado, um memorial dos 10 anos do conflito*. Balneário Piçarras: Edição da Autora, 2016.
TOURINHO, Plínio. *Cinquentenário da Revolução de Trinta no Paraná*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1980.



Rafael José Nogueira é licenciado em História pela Universidade da Região de Joinville. No campo da história militar, estuda as temáticas da Revolução de 1930, principalmente no sul do Brasil, e a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, com foco nos expedicionários de Santa Catarina. Também se dedica a estudos genealógicos de militares e suas relações familiares e sociais com os eventos militares da história do Brasil.

ID Lattes: 4014884067145109.